Cantos de Lisbôa

Festas da Cidade
1 9 3 5

Lisboa risonha e acolhedora é capital europeia de miradouros altíssimos: Castelo, Graça, Monte, Penha de França, S. Pedro de Alcântara, Santa Catarina, Rocha do Conde de Óbidos e Ajuda. Avistam-se deles a orla insinuante do Tejo, que corre desde as paragens tranqüilas da terra ribatejana até à barra, onde se enfileira numa louçania de Primavera eterna o vergel acidentado e multicôr da Costa do Sol, a uma banda, e da outra as escarpas e a imensidade de areias e alcantis da região de Caparica. Lisboa magnífica e antiga é o repositório vetusto e artístico das suas igrejas, entre as quais avultam de nobreza e grandiosidade a Sé, S. Vicente, S. Domingos, Paulistas, S. Roque e Madre de Deus — já na cidade suburbana.

Esplendem na velha Olissipo, como recordação gratíssima de artistas egrégios, os recheios dos seus museus de arte sacra, arte militar e arqueológica: S. Roque, S. Nicolau, Janelas Verdes e Carmo. Os pormenores citadinos dignificam a linda Lisboa, esmaltando-a de exemplares curiosos e belos, como a porta manuelina da Conceição Velha, os frescos chafarizes das Janelas Verdes, Esperança e Carmo, e tudo o mais que constitui a atracção de motivos, esbeltos de traço que povoam até os recantos mais ignorados.

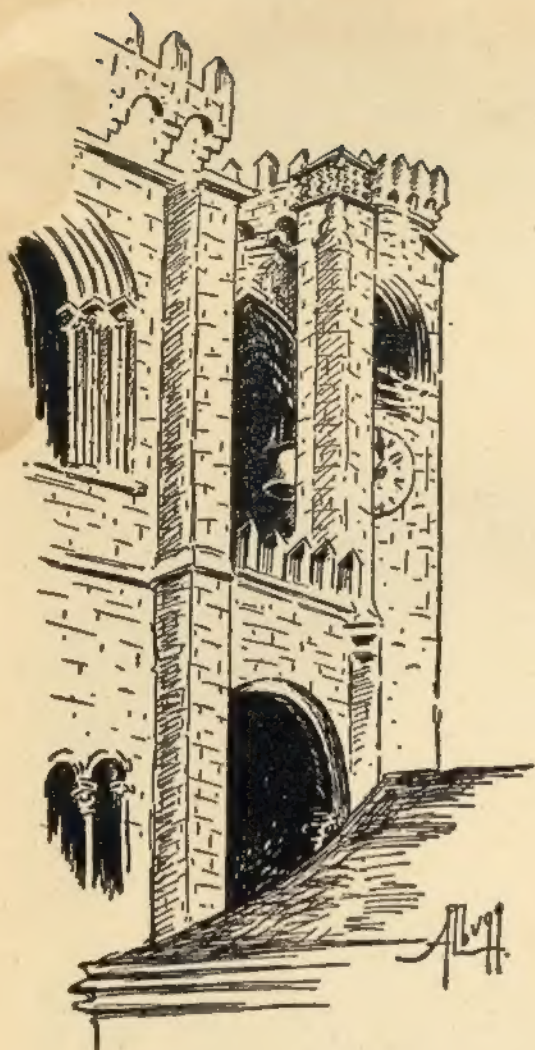
Lisboa tem o encanto característico dos seus arruamentos tortuosos a sulcarem velhos bairros: Alfama, Mouraria, Bairro Alto e Madragôa. É a nota alacre e evocativa dos seus registos de azulejos, das suas janelas de canto e dos seus telhados de duas águas e empena de bico; é, numa palavra, o ambiente particular dos seus recantos, onde há populações alheias a innovações frívolas, vivendo a vida dos seus antepassados, limitando-se, até, à órbita do seu pousio antigo! Ouvem-se nas ruas lisboetas, ainda hoje, pregões plangentes e cantigas festivas da gente de trabalho, e pelas suas calçadas íngremes tamanqueiam varinas de perfil fenício, ancas rítmicas, ombros airosos e gargantas cristalinas.

Quando o sol morre em tardes de carícia estival, doiram-se e avermelham-se os monte altos da cidade e um hálito do Passado das Descobertas toca as águas do Tejo a lembrar-lhes glórias distantes de navegação e aventura... E, sempre vigilantes testemunhas da nossa epopeia, para que o não esqueçamos, os Jerónimos, poema em pedra, e a Tôrre de Belém, baluarte, dir-se-ia amassado com a espuma do mar, cantam a grandeza da cidade e o valor dos seus habitantes, que o «corvo» vicentino e a nau histórica rubricam em paredes velhas de quinhentos, seiscentos e setecentos, séculos de ânsia marítima e de consolidação nacional.

NOGUEIRA DE BRITO

VERSOS de Castelo de Morais

DESENHOS de
Bernardo Marques
Ferreira de Albuquerque
Luiz Teixeira

TIP. DA EMPRÊSA NACIONAL DE PUBLICIDADE
LISBOA—1935

Quando o amor é verdadeiro
Tem de ser desconfiado.
É como as tôrres da Sé...
Têm ameias no eirado.

Sé Velha

Com ameias nos eirados,
Com ferrolhos nos portões,
Deviam andar no mundo
As àlmas e os corações.

Meu amor é marinheiro,
Falo-lhe às Portas do Mar...
Quem me dera ter uns braços
Com fôrça para as fechar.

Portas do Mar

Sempre abertas para a barra,
Abertas para os meus ais.
E os meus braços sem poderem
Fechá-las para nunca mais...

Fui à tôrre do Colégio,
Não sofri mal de tontura.
Os homens vistos de cima
São todos da mesma altura.

Campolide

Subiste à tôrre mais alta
Para mais de alto me ver...
Subir muito é perigoso.
Quem sobe tem que descer...

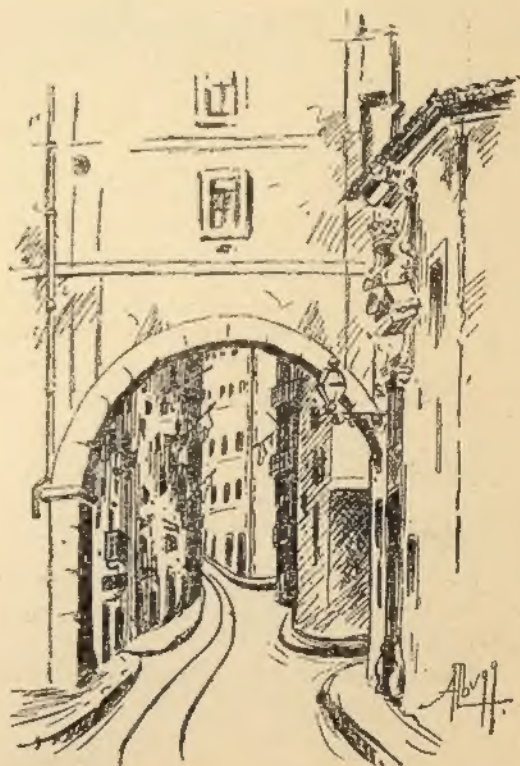
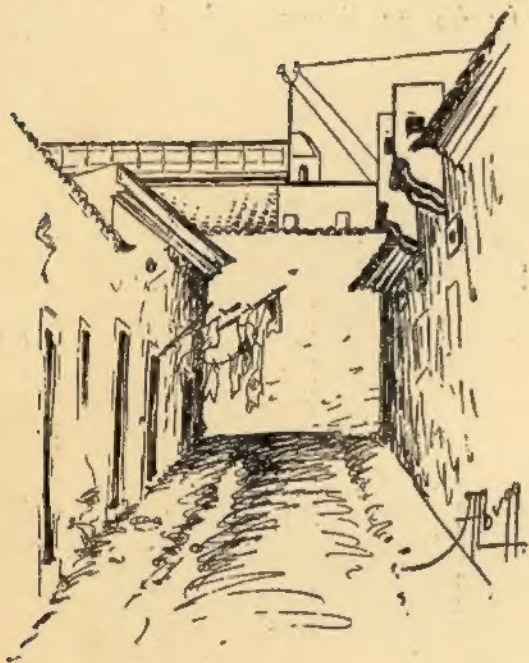
Avenidas novas, tantas!
Todas com o mesmo ar.
Em cada vão de janela
Um papagaio a falar.

Avenidas Novas

Nem cravos, nem manjericos,
Nem grilos do São João.
Lisboa das Avenidas
Está mal co'a tradição

Passam guitarras na rua,
Passam e vão a chorar.
Quem pudesse ter mão nelas,
Quem as fizesse calar!...

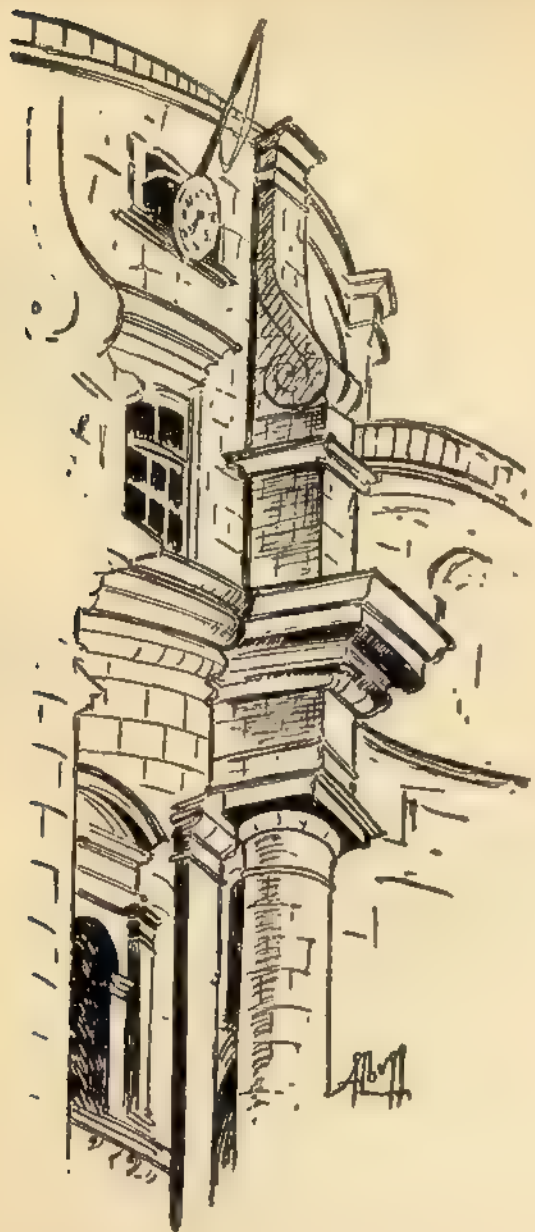
Mouraria

Amor de gente perdida,
Feito de raiva e desejo,
Tem um perfume de morte
Na rosa de cada beijo...

Cheguei a Campo de Ourique,
Fui por detrás dos Quarteis.
Ficaram-me lá os olhos
Nos olhos dos furrieis.

Campo d'Ourique

Maria da Fonte és pedra,
Bem te vejo donde moro.
Se eu de pedra também fôsse
Não chorava como choro.

Aro de oiro que esvoaça,
Lembra-me, em dias de festa,
O anel do nosso noivado
A luzir na tua testa...

Graça

Caracolinho da Graça,
Da graça que Deus te deu...
Quando o vento to desmancha,
O desgraçado sou eu!

Todos os sonhos sonhados,
No momento de acordar,
São obras de Santa Engrácia
Que ninguém pode acabar.

Santa Engrácia

Alto puseste o desejo,
Cresceu, já o não alcanças.
Querer agarrar a lua
Sempre tentou as crianças.

Em amor de quintanista
Morena não ponhas fé.
É leve como as cortiças,
Anda ao sabor da maré.

Campo de Sant'Ana

Cabeças leves, destinos
Ainda por destinar.
Batem as asas um dia...
Deus sabe onde vão poisar.

Rossio dos pombos, dos lagos,
Das mentiras à tardinha,
Com a Praça da Figueira
Tôda senhora vizinha...

Rossio

Quem pisar os teus passeios
Tenha tento no pisar.
No Rossio até as pedras
Sabem dizer e contar.

Varinita do carvão
Pareces preta e não és.
Só a prancha que tu pisas
Sabe da côr dos teus pés.

Alcântara

Então oscila mansinho,
Ao jeito do teu pisar.
E vai-te beijando os dedos
Em paga de te ajudar.

Chiado das elegâncias,
Muito velho, sempre moço,
Tens um poeta de bronze
E muitos de carne e osso.

Chiado

Destes leis, fôste janota.
Hoje, de tanta grandeza,
Muita cinza de charuto
No passeio da Havaneza.

Adeus ó ginja do Paco,
Adeus bifes do Tacão...
A velha estúrdia geme
Um acto de contricção.

Bairro Alto

Janelas descem de todo,
As portas sobem metade.
O Bairro Alto está morto
Em cheiro de santidade!...

Anjos

A Virgem dos Anjos mudou-se,
Mais acima foi poisar;
Quando a mãe de Deus se muda
Quem me pode censurar?

No bairro dos Castelinhos
Moram dois olhos que eu vi.
Não sabem que me perderam
Mas eu sei que me perdi...

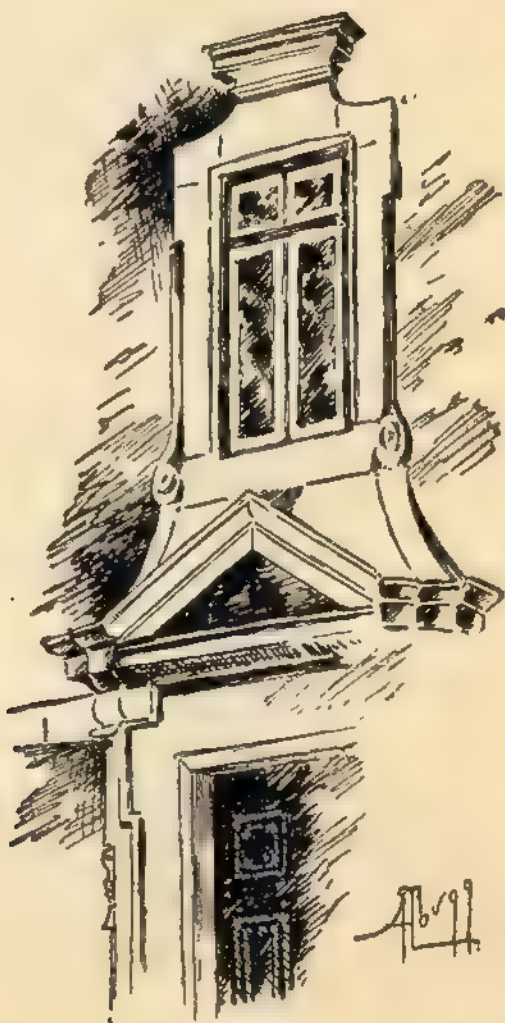
Lapa

Ruas da Lapa, sossêgo
De conspícuo bairro inglês.
Cresce a erva nos passeios,
As gentes passam à vez.

Quando o pregão da varina
Naquele sossêgo esvoaça,
É como um raio de sol
A bater numa vidraça.

São Nicolau, Santa Justa,
Ruas da Prata e do Ouro,
Arenas da meia tarde
Na capital do namôro.

Baixa

Se dois olhares se cruzam
Passam no ar queimaduras.
Sem os olhos das mulheres
Ficava a Baixa às escuras.

Pupila humana, desejo
Sempre cheio, nunca farto;
Muita gente sobe à Penha,
Poucas vêem o Lagarto.

Penha de França

Por cima do miradoiro
Andam pombos a arrulhar.
São os mestres d'outros pombos
Que lá costumam poisar.

Alfama

São Tiago é contra os moiros,
São Miguel contra os enrêdos.
As raparigas de Alfama
Para os dois não têm segrêdos.

A um pediram a espada,
Ao outro pedem balança;
Só os fortes as abraçam
E só quem vale as alcança.

Um barquinho sôbre o lago,
A cadência do remar,
Muitos peixes encarnados
E saudades do luar...

Na avenida das Palmeiras,
De noite, o amor vive bem.
A lua mesmo que veja
Não vai dizer a ninguém...

Campo Grande

Hoje Praça do Brasil,
Sem ninguém saber porquê,
Vèlhinho Largo do Rato,
Quem te viu e quem te vê!...

Largo do Rato

Tinhas iscas e chinquilho,
Tinhas teatro também;
Embora mais estreitinho,
Para rato, estavas bem.

São Paulo, da roupa feita,
Lembra a mala da partida.
Desejos de ir para longe
Mudar de terra e de vida...

São Paulo

A sombra dum enforcado
Passa no ar e contrista.
Se não fôsse o Cais do Tôjo
Era alegre a Boa Vista.

A velha Belém, mistura,
Entre memórias fiéis,
O travor do chão salgado
Com o doce dos pastéis.

Belém

Não há velhos no Restelo
Nem galeras a partir.
O António das Caldeiradas
Fechou para não abrir!...

Bairro da Esperança, esp'rança
De lá irmos encontrar,
Em dois olhos de varina,
Tôda a beleza do mar.

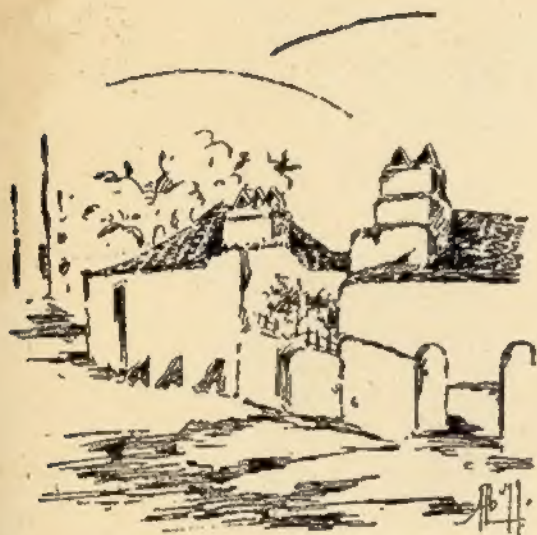
Madragôa

Corpo de ave ribeirinha
Pela calçada a descer,
O sol de leve lhe toca
Com vontade de a morder...

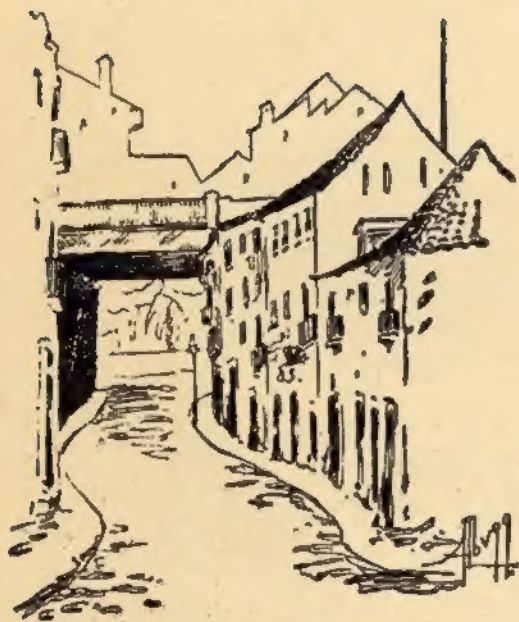
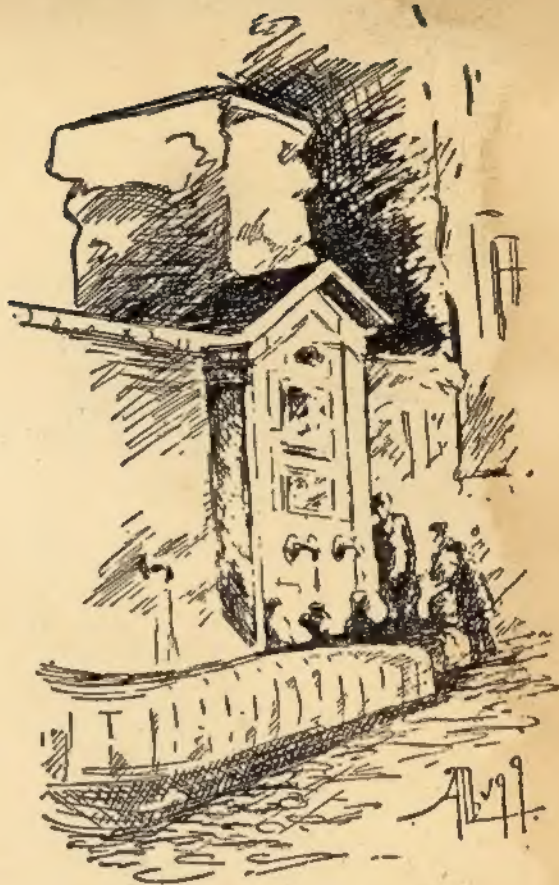
Só em Xabregas havia
Quatro conventos de freiras.
As monjas foram embora,
Ficaram as cigarreiras.

Xabregas

Com o tempo tudo muda,
Tudo muda, até a voz.
Elas cantavam a Deus,
A estas cantamos nós!...

Saloia que bem te fica
Essa roupinha vermelha...
És um cravo que nasceu
Para tentar uma abelha.

Bemfica

Quando andares a cavalo,
Traze roupas dessa côr
Para se julgar que o burro,
Por milagre, deu flor!

Lisboa dos cavaleiros,
Das muralhas e aduares,
Nos verdes campos de Arroios
Tinha hortas e pomares.

Arroios

Hoje, a cidade cresceu,
Nem muralhas nem redutos.
Os habitantes de Arroios
Vêm à baixa em dez minutos.

Bairro Camões, tabuleta
Das «cocotes» de bom tom.
Enderêço do Diabo
Feito a riscas de «bâton».

Bairro Camões

De dia, sono profundo,
Barulho de madrugada;
Dentro de cada cabeça
Pó e terra, cinza e nada.